



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

LEITURA DA POESIA AMAZÔNICA E DESOBEDEIÊNCIA EPISTÊMICA

José Eduardo Martins de Barros Melo¹

1. Introdução: Construindo a desaprendizagem

A reordenação de fatos e teorias no mundo dos estudos literários é, no mínimo, algo curioso. Constantemente nos deparamos com novos e retomados olhares sobre o texto que nos levam a caminhos completamente diferentes daquele que rotineiramente seguimos.

No caso da poesia esta constatação é uma constante dada a sua natureza e a sua função. Penso que a forma como enxergamos a literatura exija um exercício constante de idas e vindas ao texto e a identidade que ele expressa, principalmente quando esta identidade se faz por meio de uma desobediência teórica que se manifesta em pontos divergentes ao estudo colonialista a que se vincula a tese do conhecimento canônico.

Neste sentido, a construção do chamamento para a leitura da poesia na Amazônia considera o quadro de “desobediência epistêmica” enquanto “opção descolonial” por buscar o significado de uma identidade em política que só (e somente só) acontece quando, na prática, o sujeito assume a sua identidade teórica a partir do processo de deslegitimação das bases formadoras do eurocentrismo, tal como aponta Walter D. Mignolo em seu conhecido artigo e principalmente no argumento que utiliza para escrevê-lo. Vamos a ele:

O argumento deste artigo se baseia em duas teses inter-relacionadas. A primeira tese, a identidade na política (melhor do que política de identidade), é um movimento necessário de pensamento e ação no sentido de romper as grades da moderna teoria política (na Europa desde Maquiavel), que é _ mesmo que não se perceba _ racista e patriarcal por negar o agenciamento político às pessoas

¹ Prof. Dr. Universidade Federal de Rondônia. edubarmel@hotmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

classificadas como inferiores (em termos de gênero, raça, sexualidade, etc.). A segunda tese se fundamenta no fato de que essas pessoas, consideradas inferiores, tiveram negado o agenciamento epistêmico pela mesma razão. Assim, toda mudança de descolonização política (não-racistas, não heterossexualmente patriarcal) deve suscitar uma desobediência política e epistêmica. A desobediência civil pregada por Mahatma Ghandi e Martin Luther King Jr. foram de fato grandes mudanças, porém, a desobediência civil sem desobediência epistêmica permanecerá presa em jogos controlados pela teoria política e pela economia política eurocêntricas. As duas teses são os pilares da opção descolonial, que nos permite pensar em termos do diversificado espectro da esquerda marxista e, de outro lado, do diversificado espectro da esquerda descolonial.

Segundo este pensador latino-americano, se a política de identidade acentua o pensamento colonial, o inverso, identidade em política, caracteriza o genuíno pensamento descolonial já que no primeiro caso, a fragmentação dos grupos étnicos é fruto das bases teóricas do colonialismo. Neste sentido, a literatura enquanto elemento transfigurado e transfigurativo exerce papel de suma importância porque mapeia a forma e os textos que consideramos para as nossas leituras. Para Mignolo “a opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e de acumulação de conhecimento”.

Ora, temos visto uma verdadeira corrida de estudiosos em direção às literaturas de origem africana e de gêneros, mesmo quando se trata de uma literatura ainda incipiente ao nosso olhar contemporâneo, mas não vislumbramos um número significativo deste mesmo grupo se debruçar sobre a poesia da Amazônia, o que, no mínimo, é um fato curioso.

Ao refletir sobre suas teses descolonialistas o autor argentino esclarece que “por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta”, na verdade, pretende:

...substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do ocidente nos últimos cinco séculos, pela geopolítica e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

foram racializados (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas geopolítica do conhecimento.

Nesta linha de raciocínio, transportando a visão colonial para os nossos limites e talvez por ignorância, desconheço qualquer avanço neste terreno em direção às leituras que precisam ser realizadas da literatura de Rondônia, Acre, Roraima e Amapá, que, neste aspecto, ficam bem atrás de outros da mesma região.

Talvez a dificuldade de definição geográfica do próprio modelo justifique essa postura, que provavelmente ainda perdurará. Se de alguma forma tivéssemos que optar por alguns critérios para definirmos o que entendemos como poesia amazônica, certamente esse seria o nosso primeiro problema porque passados mais de quinhentos anos do nosso “achamento” a crítica não se entende e os críticos menos ainda, o que neste caso revela o quão frágil é a relação entre o texto poético e os seus estudiosos.

Se entendermos como Amazônica a região formada pelos sete estados do norte brasileiro teremos uma literatura formada por Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Tocantins e Pará, sendo esta região a maior do país e a que possui menores indicadores de desenvolvimento dentro da ótica capitalista ou de “identidade política”, como reflete Mignolo.

Se por outro lado adotarmos como limites dessa definição o contorno geoeconômico adotado pelo Governo Federal em 1966, (Amazônia Legal) o quadro muda significativamente e a ela são acrescentados os estados do Mato Grosso e Maranhão e isso altera sobremaneira os nossos estudos porque a ela serão incorporadas obras anteriormente excluídas deste contexto.

Da mesma forma se adotamos apenas os estados que se encontram no extremo norte do país porque teremos tão somente Rondônia, Acre, Pará, Amapá e Amazonas, o que reduz bastante o número de obras a serem analisadas, embora muitos aleguem que efetivamente essa seja a região a ser considerada.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Esta questão geopolítica que aparentemente passa despercebida remete a ideia do autor em um escala maior e envolve a delimitação das questões coloniais ao eixo eurocêntrico sobre o eixo das regras impostas por uma ideologia dominante. Em se tratando do Brasil esta tese se instala por meio da importação de critérios, valores e vínculos importados do eixo sul e sudeste.

Neste sentido, optar por uma definição que considerasse apenas a produção do estado do Amazonas como representante genuíno dessa produção, como se sabe existir fora do país, parece ainda mais danoso porque aí temos uma drástica redução de nove estados de uma conceituação mais ampla para apenas um estado na nova conceituação.

Outro fator preponderante quando se procura uma delimitação conceitual diz respeito à questão do telúrico e do cultural que remete à forma e a intensidade com que aparece nos poemas em questão. Na verdade se busca uma poesia cada vez mais enraizada nas travas culturais e telúricas para justificar a nomenclatura usual e a sua identidade amazônica.

Mais que isto, procura-se uma identidade discursiva que traga em sua construção aspectos geoeconômicos, sociais, linguísticos e culturais que por si só justifiquem a inserção deste ou daquele poema (ou poeta) entre os que formariam essa poesia reiteradas vezes reconhecida como amazônica.

O fato é que em uma ou outra situação a crítica ainda bate cabeça para estudar grande parte dessa literatura e, especialmente, grande parte dessa poética que percorre quilômetros de Rios, ora por não conseguir uma limitação geográfica para estes estudos, ora porque a própria publicação de obras nesta região é escassa e grande parte se diluiu ao longo do tempo sem que se buscasse a sua preservação. Neste sentido, “a opção descolonial significa, entre outras coisas, *aprender a desaprender*”.

Da mesma forma, tem-se a necessidade de uma reorientação sobre os limites da marcação geográfica que parece andar em desacordo com a reordenação por meio da desobediência epistêmica. Em novos olhares para as



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

novas obras, em que critérios e normas seriam revistos e reanalisados, promovendo a quebra das normas de poder líteropolítico, como propõe o autor da desobediência epistêmica.

2. Desobediência epistêmica e poesia na Amazônia

Penso que a superação da carência que se tem de obras publicadas especialmente sobre o tema esclareça de vez esses critérios de delimitação geográfica e/ou de marcação telúrico-cultural e resulte num estudo mais aprofundado sobre esta poesia, de forma mais ampla, sobre esta literatura, no sentido de promover a partir desta reordenação os critérios genuínos de cada uma dessas culturas. O Mapa Cultural surge como uma primeira possibilidade de visualizarmos de maneira ordenada a produção literária em Rondônia e pode se expandir para outros estados da região.

Por este caminho, aceitando-se que a opção seja considerar para efeito dos estudos literários os limites geoeconômicos e, portanto, a produção dos sete estados em questão, volta-se no tempo até o século XVIII onde se encontram os primeiros registros dessa poesia. Assim se constroem as referências a várias obras que a crítica consagrou em nosso cânone e algumas que preferiu ignorar. Certamente o aspecto inovador de quem olha aguça o poder transformador do texto lido, cuja leitura poderá ressurgir por meio de novas e involuntárias vertentes da cultura no sentido de deslegitimar os critérios utilizados até então.

É o que se tem da análise das obras do paraense Inglês de Sousa e dos maranhenses Gonçalves Dias, Sousândrade e Ferreira Gullar, que foram consagrados por uma leitura mais sistemática de seus textos dentro de uma base teórica de olhar colonialista, assim como pelo que se considera o primeiro poema amazônico, o Muhuraida, longo poema épico de Henrique João Wilkens dedicado a João Ribeiro Caldas, escrito por volta de 1785 e publicado pela primeira vez nos anos de 1819.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Ressalte-se que no período de sua construção o discurso colonial não utilizava sequer a expressão “amazônica” para designar a região e costumava utilizar expressões como Maranhão, Grão-Pará e Rio Negro, o que remete às questões de delimitação política ideológica que frisamos anteriormente.

O *Muhuraida* é, portanto, um primeiro poema dentro de um primeiro contexto que se altera geograficamente ao longo do tempo. Seu tema é o poderio militar português e a organização do índio mura na defesa de suas posses. É o poema que sucede a escrita hegemônica de *O Uruguay* de Basílio da Gama (1769) e o *Caramuru* de Santa Rita Durão (1781) e é sucedido por *Yacala* de Alberto da Cunha Melo (1999).

Seus 1072 versos, em seis cantos e 134 oitavas só recebem alguma atenção da crítica no estudo *A Muhuraida* de Mário Ypiranga Monteiro, professor de literatura amazonense, publicado no “Jornal de Letras” de Manaus, em 1966, e na atualidade em estudos acadêmicos realizados a pretexto de dissertações de Mestrado e teses de doutorado.

Por outro lado, esta poesia desconhecida e ignorada não tardaria a revelar sua importância no início do século seguinte, com o advento do Romantismo, em que parte da primeira e da última geração surgiu em terras maranhenses, nas figuras de Gonçalves dias e Joaquim Maria de Souza Andrade, este só recentemente redescoberto pelos irmãos Campos em estudo publicado juntamente com os escritos do poeta sob o título de *Re-visão de Sousândrade*, em 1964.

Mais tarde o mesmo estado nos daria um poeta do quilate de Ferreira Gullar que escreveu extensa obra e contribuiu decisivamente para os rumos de nossa literatura posterior à última geração modernista de 1945. Essa poesia, entretanto, não estaria vinculada a nenhum dos dois critérios que vimos inicialmente: por um lado, pelos padrões estéticos que privilegia uma cultura eurocêntrica e por outro pelos aspectos ainda conservadores.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Ferreira e Saul Benchimol que tinha como plataforma principal a prática e difusão da poesia na região, que passa mais despercebido ainda do grande público se comparado às obras individualizadas de seus autores.

De suas fileiras que nasceu a proposta de *poesia no muro* de Jorge Tufic, autor de *Varanda de pássaros* (1956) cuja poesia se consolidou dentro de uma vertente mais políco-libertária do que a telúrica e simbolista da fase inicial do grupo. Aqui, certa desobediência faz marcar um ritmo inovador e descolado da regras da época. É também ao Clube da madrugada que se deve a inserção do Padre Luiz Ruas e seu livro *Aparição do clown* no mapa da literatura do estado do Amazonas como uma das mais significativas.

Saindo do Amazonas em direção ao Pará são expressivos os poetas Ruy Barata (1920-1990), Paulo Plínio Abreu (1921-1959) e Max Martins (1929-2009). O primeiro produz uma poesia de cunho social registrada na edição dos livros *Anjos dos abismos* (1943) e *A linha imaginária* (1951) Antilogia com “Apresentação” de Benedito Nunes. O segundo teve seus poemas publicados por um de seus professores com o título de *Poesia*, em 1978, além de um trabalho de tradução dos poemas de Rilke.

Já Max Martins, além de Poeta foi colaborador na Revista Literária Encontro, Noticiarista, Secretário de Redação do Jornal Folha do Norte e Diretor da Fundação Cultural Casa da Linguagem. Publicou seu primeiro livro de poesia, *O Estranho*, em 1952 ao qual se seguiram *Anti-retrato*(1960) e *H’Era* (1971) seu terceiro livro.

Em 1992 coligiu suas obras escritas entre 1952 e 1992 (Marahu Poemas – Inédito (1992), 60/35 (1985), Caminho de Marahu (1983), A Fala entre Parêntesis (1982), O Risco Subscrito (1980), O Ovo Filosófico (1976), (Colagens) H’Era (1971), Anti-Retrato (1960) e O Estranho (1952), com o título *Não para Consolar: poemas reunidos: 1952-1992* com o qual ganhou da Academia Brasileira de Letras o Prêmio de Poesia Olavo Bilac. Feito este painel da região, partimos para o roteiro da desobediência no *Mapa Cultural de Rondônia*.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

2.1. A desobediência no Mapa

Trata-se de uma das mais sérias tentativas de registrar e refletir sobre esta produção literária do estado de Rondônia, que continua sem ter uma leitura crítica mais sistematizada, tanto do que foi produzido pelos que aqui nasceram quanto pelos que para cá migraram: O Mapa, que em princípio incorpora pela ousadia, o aspecto da desobediência, a partir do próprio objeto que procura investigar dentro de seus limites, assim se situa:

O Projeto Mapa Cultural de Rondônia produz reflexão e teorização como forma de explicar os fenômenos culturais em Rondônia. Com tal objetivo, tem oportunizado novos modos de olhar os problemas regionais e as reflexões a esse respeito, ancorando-se sempre no propósito de identificar e compreender as ações e atores na produção da identidade regional. Daí a opção por investigar a historicidade do regional no campo das suas práticas e discursos e a necessidade de que essas práticas e discursos estejam reunidos em acervos, cuja organização é o objetivo material do projeto.

Em função desses elementos, mas condicionada às atividades propriamente de pesquisa acerca da formação cultural, a equipe de pesquisadores vem mapeando o Estado por meio de suas manifestações culturais, coletando e catalogando objetos (peças literárias, iconográficas, documentais) e eventos, a fim de analisá-los, seja do ponto de vista histórico e antropológico, seja do ponto de vista essencialmente estético, quando for o caso. Isso explica o interesse do projeto por todo e qualquer documento de valor histórico ou artístico produzido em Rondônia, sobre Rondônia ou que mantenha alguma relação com o Estado, sejam estudos acadêmicos, obras literárias, obras musicais, peças folclóricas, artes visuais ou qualquer outro modo de manifestação cultural.

O objetivo imediato desse trabalho de arqueologia documental é localizar e organizar um acervo que contribua para a constituição do Mapa Cultural de Rondônia. Quer-se saber, além do percurso diacrônico, quem produz cultura e arte no Estado hoje, onde estão esses produtores e o que estão produzindo.

É de se perceber em seus objetivos que o projeto não se restringe à literatura, muito menos ao texto poético, mas no segundo caso é bem mais ambicioso. Na verdade, embora não se restrinja a produção literária, dedica a maior parte de seu trabalho a ela. Do próprio *Mapa* extraímos uma síntese provisória que certamente estará no texto final a ser publicado posteriormente:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O registro mais remoto de manifestação literária em Rondônia parece ser o de 1916. Antes disso, e mesmo nas quatro ou cinco décadas seguintes, consideradas a atmosfera inóspita, desprovida de ambiente e condições necessárias ao ócio criativo, as expressões culturais restringiam-se às manifestações de costumes: folguedos, danças típicas e de gosto popular, música, credences e culto a mitos, contos folclóricos e alguma produção literária. E, observada a histórica relação entre a literatura e a imprensa, é improvável que tenha havido alguma divulgação literária em língua portuguesa antes de 1915, ano em que foi criado o semanário “O Município”, primeiro periódico de Rondônia. Antes desse jornal, sabe-se da existência do “The Porto Velho Times” (1906), do “Porto Velho Courier” e do “Marconigran” (1910), impressos nas próprias instalações da Estrada de Ferro por ação de algum funcionário mais graduado e de ascendência anglo-americana. Nesses folhetins redigidos em inglês, circularam em meio a outros escritos alguns poemas de estrangeiros saudosos de suas terras (HUGO, 1998). Seja como for, e apesar de ainda não terem sido analisadas, essas “canções do exílio” constituem-se em primeiras manifestações. No ano seguinte à criação de “O Município” é fundada a “Associação Dramática Recreativa e Beneficente de Porto Velho” que passaria a chamar-se “Clube Internacional” (1919), em virtude do grande número de estrangeiros afiliados, preponderando em suas atividades o apreço pela música e pela representação.

É possível dizer que a produção cultural intensifica-se diante do impacto social causado por dois fatores coetâneos: a construção da rodovia BR 364 e a estruturação do sistema educacional, que serve tanto para aparelhar o estado, como para sedimentar hábitos e costumes dispersos. A partir desse marco é publicada razoável quantidade de obras em prosa de ficção, relatos, poesia e ensaio sobre a geografia e história de Rondônia. No que concerne à produção ficcional, as obras e autores analisados formam um conjunto heterogêneo, seja pela informação estética dos seus criadores, seja pela temática ou valor expressivo das obras oferecidas. Entre os temas, prevalece a lírica desbragada de tom amoroso, as notas de saudade da terra natal, os apelos pela natureza assolada, a morte e a própria poesia. Versos, enfim de pouca poesia e que raramente ultrapassam o caráter de expressão pessoal e subjetiva. Nesse sentido, tome-se como exemplo um livro recente, Morte Secreta, de Núbia Rodrigues, autora que constitui um dos verbetes do dicionário.

Como se pode perceber não se trata apenas de um traçado geográfico que delimita as fronteiras da literatura em Rondônia, ele também emite juízo sobre esta literatura e revela o que é recorrente em suas linhas enquanto tema e discurso. Faz, portanto, um levantamento diacrônico que se desenvolve por meio de um olhar crítico das obras e autores descobertos e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

listados a partir de farta documentação e depoimento de muito dos envolvidos no processo de formação dessa literatura, senão, vejamos:

Na expressão da poeta e historiadora Eunice Bueno, “Se delimitarmos em tempo e espaço a literatura” de Rondônia teremos, por certo, de voltar ao início da formação do território e da cidade de Porto Velho, lembrando fatos que hoje misturam história e folclore como “O porto do velho ou O velho do Porto Santo Antonio”, as narrativas com alusão à Estrada de Ferro ou recorrer à história, “desde o marco inicial dos trilhos da Ferrovia Madeira Mamoré em 1907, a criação do termo judiciário em 1913,” e a instalação da sede do município em 1915. Estes eventos motivaram os primeiros registros históricos, os relatos sobre a fauna e a flora e apontamentos sobre aspectos geográficos, que ao se constituírem em fundamento de cultura, passam a dar substância à imaginação criativa.

Desconsideradas as publicações em inglês, feitas por funcionários da Ferrovia Madeira-Mamoré, tem sido costume apontar Vespasiano Ramos (13/08/1884 – 26/12/1916) como precursor ou fundador da literatura de Rondônia, fixando-se, em 1916, o seu marco inicial. Tudo porque, em dezembro daquele ano, chega Porto Velho pretendendo atingir um certo seringal Canadá e trazendo na bagagem o livro “Cousa Alguma” (1916).

Aqui, estaria por assim dizer a origem da literatura produzida em Rondônia, importada ao acaso e situada às margens dos seringais existentes na região segundo depoimento da historiadora. Do acaso, portanto, chega-se ao pretendido e já na década de 1980 o quadro parece sofrer significativa mudança:

...segundo Eunice Bueno, deve-se falar em manifestações literárias propriamente rondonienses, apenas a partir de 1981, observando “que até então, um reduzido número de obras haviam sido publicadas”]: Os desbravadores (1959), de Vitor Hugo; Risos e prantos (1978), de José Monteiro, Tudo X caçarola (1980), de José da Penha e a Antologia de poetas e escritores de Rondônia, publicada pela seção local da União Brasileira de Escritores. Entre os autores que então se apresentam, estão Bolívar Marcelino (1932), Matias Mendes (1949) Gesson Magalhães (1943) e Joaquim Cercino (1940), cujas obras estão marcadas por certo saudosismo, pela poesia de cunho sentimental e pelas formas tradicionais como o soneto. Também apegados à tradição, mas abertos a novos ares são Antônio Cândido (1941) e Sérgio Ricardo. Menos afeitos à tradição e ao passadismo são Kléon Maryan, José Calixto de Medeiros (1926), Viriato Moura, Aparício Carvalho e Deuta Silva Gomes (1959), cuja obra Relâmpagos de Emoções (1986) apresenta poemas prosaicos, cheios de emoções. Mais recentemente, outros autores vêm



x Simpósio Linguagens e Identidades da/nas Amazônias Sul-Occidentais
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

ocupando a cena literária. São eles: Binho, Bahia, Mado, Pilar de Zayas Bernanos, Roberto Silva, Edson Badra (1934), Rodolfo Araújo, Carlos Reis, Daniel Martins, Elson Braga, Inês Cancelier, Gilberto Merlin, William Haverly Martins, Hélio Bastos, Hélio Costa, Marcos Casales, Laudicéa Santos, João Teixeira, Maurício de Almeida, Luiz Alfredo, Nercina de Andrade, Zeca Domingues, Osvaldo de Oliveira, Nonato Silva, Jaime Ferreira, Sebastião Correia, Rivero, Abel Neves, Paulo Kawanani, Beto Correia, Sandra Melo, Antonio Barros, Carlos Moreira, Gilson Monteiro e Nilza Menezes (1955), esta, uma das vozes mais expressivas desde 1980. Sua obra reflete a formação de um sujeito-lírico às voltas com os embates femininos no mundo, o que não se faz de maneira panfletária. A luta da mulher escritora surge e se revela no papel, como embate com as palavras e do "eu" contra ele mesmo, na difícil busca pela expressão. Escreveu poesia: (Poemas, 1973; Rascunhos, 1978; Presente, 1987; Poções e magia, 1985; A louca que caiu da lua, 1994; Princesas desencantadas, 1996; Fruta azeda com sal, 1997; Sina, 1999; Duas Palavras (em parceria com Carlos Moreira), 2000; Feitura, 2003) e ensaio: Chá das cinco na floresta (1998), Com feitiço e fetiche (1999), Rita Queirós: o gosto do aluá (1999), Memória judiciária: história do judiciário de Rondônia no século XX (1999) e Jorge Teixeira (2006). Outros autores do período são João Thomaz Pereira, Alberto Lins Caldas, Lenine Sérgio de Moura, Cláudia Reis, Lúcia Rocha Fernandes, Zé da Zeca (José Leocárdio de Souza), José Valdir Pereira (1952), Neusa dos Santos Tezzari, Zelite Andrade Carneiro, Nilson Ferreira da Cruz, Roberto di Cássia e Eduardo Martins (1962) professor de Literatura Brasileira na universidade Federal de Rondônia e foi, nos anos de 1980, um dos atores mais importantes na cena literária do Recife. Nos anos 90, já era reconhecido no meio literário rondoniense, seja como crítico e ensaísta, seja como poeta. Elogiado por escritores como César Leal, Alberto da Cunha Melo, Marcos Cammarotti e Aguinaldo Gonçalves, publicou, entre outros: Restos do Fim (1981) Eczema no Lírico (1985) Procissão da Palavra (1986) O lado aberto (2004) e A palavra falta (2007). No gênero ensaio, destacam-se Bandeira: uma poética de múltiplos espaços (2003) e Cida Pedrosa, a poesia que se vê. Embora atenta aos influxos da atualidade, sua poesia tem o lastro da tradição e da lírica mais elevada em língua portuguesa. Seja no tom de Fernando Pessoa, na voz de um Alberto Caeiro, seja nas imagens e nas cores de um Carlos Pena Filho, seja no melhor momento da projeção universal de João Cabral de Melo Neto, o Cabral de O Engenheiro, Psicologia da Composição e O Cão sem plumas. Lucineide Monteiro e Ronildo do Nascimento publicaram Poetas do Universando (2001), reunião de poemas recolhidos do jornal homônimo que circulara na Universidade Federal de Rondônia.

Alinhada ao mesmo processo migratório e a convergência cultural que resultou no desenvolvimento dessa poesia de traços urbanos uma literatura de características popular, identificada com a cultura nordestina,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

como o cordel, é registrada no Mapa ao lado da prosa de ficção quase sempre de características anfíbias, oscilando entre o mundo da história e o imaginário.

No que diz respeito à Literatura popular, na forma do Cordel, merecem nota Pedro Albino, Ismael Correia do Monte (Estrada de Ferro Madeira-Mamoré); Jota Fortunato (Sansão e Dalila), Bentinho (MÃE) e Maria das Graças Nascimento, com Constituição, Constituinte e O Estado de Rondônia. Na prosa de ficção destacam-se Silvio Rodrigues Persivo Cunha, Ary Tupinambá Pena Pinheiro, José Monteiro, Ebron Penha de Meneses e Confúcio Moura (1948). Confúcio é médico e político, e, sem outras experiências como escritor, narrou parte da história da ocupação de Rondônia em A Flecha (romance), cujo enredo se desenvolve em torno da família de Chico Neco dizimada por índios Uru-Eu-Wau-Wau. Embora dúvida pela indecisão semiológica entre narrar a história ou fazer ficção, o livro acaba por fornecer dados históricos importantes da região de Ariquemes.

No que diz respeito às origens ou à cultura tradicional há que se registrar a forte influência da cultura indígena. Dentre os principais povos estão os Karitiana e os Uru-Eu-Wau-Wau, estes da família Tupi-Guarani, grupo Tupi-Kawahib. Contatados inicialmente na década de 40, só cederam aos contatos amigáveis na década de 80.

O que se percebe, no entanto, é que este número significativo registrado no Mapa por meio de seus verbetes não foi suficiente para estabelecer novas relações entre esta poesia e a crítica acadêmica, normalmente contaminada por uma visão colonialista e imperialista que normalmente se impõe como ponto de equilíbrio entre o que demanda e o que não demanda qualidade em termos da escrita poética. Dos poetas citados apenas Eduardo Martins e Nilza Menezes foram agraciados com estudos acadêmicos mais sistemáticos realizados na Universidade federal de Rondônia e outras instituições, o primeiro, pernambucano migrante dos anos 80 e a segunda uma das vozes femininas mais expressivas do Estado.

No caso de Porto Velho, embora consideremos que os dados do Mapa à nossa disposição estão defasados, registra-se nos últimos anos uma intensa atividade literária que termina por intensificar os saraus e os diversos eventos envolvendo feira de livros e registros de grupos divulgadores desta poesia nos meios virtuais. A rigor, estes eventos, embora de suma importância,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

não alteram significativamente o quadro geral de leitura desta literatura, com todos os problemas que a cercam.

3. Conclusão.

Por este caminho da desobediência epistêmica é possível se situar o Mapa como a primeira tentativa de subversão da ordem no sentido de propiciar aos leitores um rol de escritores do estado de Rondônia sob o olhar crítico dos estudos acadêmicos que, de certa forma, encontra ressonância na desobediência epistêmica e procura novos critérios para o aprofundamento do processo de descolonização desta leitura, como apontam as reflexões de Edward Said em *Representações do intelectual* (1995, p.14): “uma das tarefas do intelectual consiste no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DUARTE, Osvaldo. Panorama da literatura rondoniense. In: _____. **Mapa Cultural de Rondônia: relatório técnico**. Processo 481005/2004-8. CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Vilhena: Unir, 2007. Disponível em: <<http://www.mapacultural-ro.com.br>> Acesso em: 17 ago. 2016. Acesso em: 17 out. 2016.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado** da identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n.34, p. 287-324, 2008.

TELLES, Tenório e KRUGER, Marcos Frederico. **Poesia e Poetas do Amazonas**. Manaus: Valer Editora, 2006.

SAID, Edward W. **As representações do intelectual**. Lisboa: Edições Colibri, 1995.